

## DIFERENÇA DE GÊNERO NOS ANTECEDENTES DAS EMOÇÕES DE RAIVA, ALEGRIA E TRISTEZA.

**Nilton Soares Formiga**<sup>1</sup>  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

### RESUMO:

As mudanças históricas ocorridas em nossa sociedade revelam uma conscientização da desigualdade entre gênero. Assim, ao tratar das emoções pode-se encontrar condutas que guiam diferentes expressões emocionais a partir do gênero. 350 jovens responderam a escala de protótipos emocionais revelando a adesão das mulheres aos protótipos emocionais como parte do repertório socialmente determinado para elas.

**Palavras-chave:** Emoção; Gênero; Estereótipo.

---

<sup>1</sup>**NOTA DO AUTOR:** O autor é mestre em psicologia social pela universidade Federal da Paraíba. Endereço para correspondência: Av.: Guarabira, 133. Bairro de Manaíra. CEP.: 58038-140. João Pessoa - PB. E-mail: [nsformiga@yahoo.com](mailto:nsformiga@yahoo.com).

Durante o desenvolvimento desse trabalho o autor contou com Bolsa de Produtividade Científica do CEULP-ULBRA (Proict), instituição a qual.

## **ABSTRACT:**

The historical changes happened in our society reveal an understanding of the inequality among gender. Thus, when negotiating of the emotions it cannot they are found conducts that guide different emotional expressions starting from the gender. 350 youths answered the scale of emotional prototypes socially revealing the adhesion of the women to the emotional prototypes as part of the repertoire determined for them

**Key Words:** Emotion; Gender; Stereotyping.

## **1. INTRODUÇÃO**

Ao avaliar o comportamento emocional das pessoas, a partir do contexto sócio-cultural, as normas e condutas atribuídas ao indivíduo vão se destacando diferentemente; porém ao tratar dos comportamentos emocionais entre homens e mulheres parecem ser que essa diferença aumenta tornando as características de determinadas expressões emocionais mais salientes para cada um. Desta maneira, os estudos sobre as emoções têm interessado a inúmeros campos científicos: Da biologia (DARWIN, 1872/ 1965) a Psicologia Transcultural (SMITH; BOND, 1993) muito se tem feito para compreender como esse processo ocorre na interação e dinâmica intergrupar (FORMIGA; ISMAEL; CAMINO, 1998) .

Segundo Philippot (1992) estas áreas tem tratado este problema diferentemente; em um estudo sobre as expressões das emoções entre homens e animais, Darwin concebe o construto da emoção em termos da evolução das espécies, as quais vão se qualificando em suas expressões e sentidos, em um outro, desenvolvido por W. James, aborda a emoção como uma sensação de feedback automático e feedback muscular. Segundo Techio (1999), Lange e Cannon, a partir da teoria fisiológica, defendiam que a emoção se localizava, respectivamente para cada teórico, no centro vaso motor, no cérebro e no “tálamo”; finalmente Schachter apresenta uma interpretação que tangencia essa abordagem, ele enfatizava que a experiência emocional se deve a mudança periférica da percepção; para esse autor, de acordo com Techio (1999) o individuo estava atento

no que mudaria ao seu redor passando a caracterizar o tipo e causas da emoção, o que mais tarde será concebido por Arnold como um processo de atribuição de tais percepções baseadas na teoria avaliativa dessa experiência.

A partir dos anos 40, com o movimento do new look in perception na psicologia social, o qual passou a enfatizar os processos psicológicos de forma integrada e não mais separadas, os construtos da emoção ganham uma interpretação quanto a sua inter-relação: a dimensão cognitiva, as reações fisiológicas e os aspectos avaliativos dos estados emocionais eram um só (DAMÁSIO, 1999; ISMAEL; MACIEL; CAMINO, 1996). Assim, com os estudos de Mead (CARTER, 1994) sobre as sociedades primitivas, insere-se o papel da cultural nas regras sócio-cognitivas assimiladas pelos indivíduos, bem como, na interpretação da percepção das representações emocionais entre homens e mulheres.

Com isso, atribui-se a cultura uma espécie de programação mental coletiva capaz de distinguir as sociedades entre si, seus participantes e os objetos que a constitui, sendo assim, possível de organizá-la em termos de uma síndrome cultural; esta, por sua vez, é considerada por Triandis (1996) como um modelo em que atitudes, opiniões, categorizações, auto-definições, normas, definições de papéis e valores, são compartilhados e organizados em volta de um tema, podendo ser identificado entre as expressões de quem fala em particular, durante um período específico da história e em uma região geográfica definida, como também ter uma configuração única para serem aplicados a todas as culturas. (HOFSTEDE, 1984; SMITH; BOND, 1993).

Atualmente, as emoções são concebidas como protótipos, estes se formariam a partir de experiências repetitivas, aprendendo através da semelhança entre os sucessos episódicos baseando-se nas estruturas reais de associação entre os atributos emocionais (PAÉZ; VERGARA, 1992), sobrepondo as categorias cognitivas ao invés de excluí-las. É a partir dessa concepção que, segundo Mesquita e Frijda (1992), as emoções são uma construção social e não têm outra realidade do que aquela criada ou desenvolvida culturalmente ou construída socialmente (SCHERER, 1997; TECHIO, 1999).

A partir dessas perspectivas, as representações das emoções passam a ser compreendidas não mais como universal, e sim contextual, principalmente, quando se trata da diferença entre homens e mulheres, pois, socialmente, algumas condutas guiam os indivíduos contribuindo para que se adotem características psicológicas e comportamentais a respeito de estereótipos sexuais, destacando diferenças muito salientes, por exemplo: ao homem atribui-se competência, racionalidade, capacidade para enfrentar o meio e êxito, já as mulheres são calor emocional, afetividade, sensibilidade, dependência e atitudes orientadas as outras pessoas (PAÉZ; TORRES; ECHBARRÍA, 1990).

Assim, com as mudanças sociais ocorridas em relação ao gênero, tais desigualdades entre os sexos na moderna sociedade, na maioria das vezes, expressam concepções estereotipadas, mostrando que as relações e a percepção a respeito do gênero alteram ou estabilizam a ordem vigente, seja ela atitude política, social ou emocional, seguindo uma forte influência do contexto em que o sujeito estar inserido. Desta forma, há uma espécie de Leitmotiv, fazendo com que determinados comportamentos passem despercebidos e adquira uma espécie de naturalidade social, isto é, o que é típico para cada sujeito ou cultura de acordo com o gênero (FORMIGA; GOUVEIA; SANTOS, 2003).

Esse fato é refletido por Fernández e Vergara (1998); para esses autores as pessoas em culturas femininas tem como típico da experiência emocional a intensidade nas reações físicas e condutas interpessoais, por outro lado, nas culturas masculinas é constatado um alto nível, principalmente, em situações de alegria e tristeza, quanto se refere que estas emoções se deram a partir de um antecedente em que as pessoas tiveram êxito. Não obstante, para Paéz e Vergara (1995) a representação social das emoções são em geral dependentes do conhecimento que os indivíduos tem a respeito de suas relações sociais, normas e valores, as quais variam em magnitude de cultura para cultura. Assim, a distinção entre experiências afetivas próprias do sujeito (o que ele experimentou em situações específicas de sua vida) e suas experiências sociais mais amplas (o que ele leu ou escutou falar sobre as emoções) são formas diferentes realizadas no cotidiano e desenvolvem cenários emocionais que aparecem claramente quando se situa a

reação emocional e seu reconhecimento nos processos da procura de informação sobre a emoção específica sentida (FISKE; TAYLOR, 1991) para cada gênero.

Os estudos a respeito desse tema têm sido desenvolvidos centrando-se no papel do homem e da mulher na sociedade, bem como, em relação às disposições psicológicas, de feminilidade ou masculinidade, paralelas as novas exigências ocorridas na sociedade em relação aos valores culturais, apontando para uma maior conscientização psicossocial fazendo com que as desigualdades entre homens e mulheres sejam amenizadas (ver FORMIGA, 2004; RADICE, 1987), principalmente, no que diz respeito as estereotípias em termos da dimensões atitudinais afetivas frente as mulheres.

Apesar do gênero evidenciar uma relação de poder permeado na sociedade, apontando na maioria das vezes ao poder do homem sobre a mulher, tendo atualmente sido observado em formas camufladas (FORMIGA, 2004), essa diferenciação, seja a partir do poder ou da disposição emocional e política, dos traços de personalidade ou de pressupostos da aprendizagem social (EXPÓSITO; MOYA; GLICK, 1996; FERREIRA, 1995; SOUZA; FERREIRA, 1997), não é mais possível considerar sua existência isoladamente, necessitando unir-se a outros fatores, por exemplo: dados demográficos, análise das relações grupais, escolares, religiosas etc.; no caso as emoções, na busca da definição, tanto da diferença quanto da observação, da formação e estabilidade de um maior conjunto dos processos discriminatórios, ligados ao contexto cultural, é importante a compreensão de como os significados subjetivos e coletivos de ambos os sexos são construídos para formar categorias de identidade social e sua relação com as variações e manutenção das expressões das emoções básicas (BORELLI, 1998; FORMIGA; ISMAEL; CAMINO, 1998).

Assim, considerando a perspectiva da cognição social, as emoções são vistas como eventos (scripts), através dos quais tem os roteiros apresentados em forma de partes, que por sua vez, seguem a seqüência dos scripts emocionais; sendo que o segmento de cada scripts pode ser estudado separadamente, a partir da sua prototipicidade. Com isso, os scripts podem ser conhecidos como: antecedentes emocionais, respostas fisiológicas, respostas abertas interpessoais, respostas

abertas expressivas, respostas mentais de pensamento e de sentimentos e mecanismo de autocontrole. No presente trabalho resolveu-se abordar apenas os antecedentes das emoções básicas (TECHIO, 1998) em relação a homens e mulheres.

Tal fato tem grande importância porque, tendo sua inclusão numa pertença sexual a partir do nascimento, seja esta explícita ou implícita, podendo ser denominada pela anatomia ou conduta social característica de cada gênero (ATKINSON et. all., 2002), bem como, de acordo com a desejabilidade social, pois através desta procuramos participar nos grupos a partir da busca de aprovação, evitando a desaprovação, promovendo com isso, uma identidade de gênero. Tal concepção, para Bem (1981), se deve aos mecanismos cognitivos, pois a aquisição da identidade se baseia no desenvolvimento de um esquema de gênero, refletindo as crenças existentes em uma determinada sociedade e relacionando a características e papéis manifestados por homens e mulheres na interação social.

Assim, uma vez formada tal esquema encontra-se uma ampla influência no processamento de informação social (BARON, 1990) quanto aos fenômenos individuais ou de grupos no entorno sócio-humano. Desta forma, o objetivo deste trabalho trata-se de compreender a diferença entre os tipos de antecedentes das emoções básicas (cólera ou raiva, alegria e tristeza) entre homens e mulheres.

## **2. MÉTODO**

### Amostra

A amostra foi composta de 350 sujeitos, distribuídos igualmente nos níveis escolares fundamental e nível médio, da rede privada e pública de educação da cidade de Palmas – TO. Todos os sujeitos eram de ambos os gêneros, 51% eram do sexo feminino e 49% masculino, com idades variando entre 15 a 22 anos ( $M = 14,2$ ;  $DP = 0,62$ ). Sendo uma amostra não probabilística e sim intencional, considerou-se a pessoa que, consultada, dispusera-se a colaborar respondendo o questionário que era apresentado.

## Instrumento

Os sujeitos responderam a um instrumento que continha as seguintes questões:

A Escala de protótipos emocionais, construído por Paez e Vergara (1992): esta pretendia avaliar como os indivíduos representam os três tipos de emoções (alegria, tristeza, cólera ou raiva), verificando os elementos típicos ou característicos de cada emoção. Era composta por várias sub-escalas: antecedentes das emoções, respostas físicas, respostas abertas interpessoais, respostas abertas expressivas, reações mentais de pensamento e de sentimento, mecanismos de autocontrole. O número do item de cada sub-escala varia conforme o tipo de emoção recordada, assim, a tipicidade de cada emoção era avaliada através de uma escala tipo Likert variando de **1** - nada típico a **4** - muito típico. Para assegurar tanto os itens como a compreensão das instruções que os antecediam, procedeu-se a validação semântica, para tanto, foi considerada uma amostra de 20 sujeitos da população meta.

Caracterização Sócio-Demográfica. Uma folha separada foi anexada ao instrumento prévio, onde eram solicitadas informações de caráter sócio-demográfico (por exemplo, idade, sexo, estado civil, nível de escolaridade etc.).

## Procedimento

Para a aplicação do instrumento, o responsável pela coleta dos dados visitou a coordenação ou diretoria das instituições de ensino, falando diretamente com os diretores e/ou coordenadores para depois tentar a permissão junto aos professores responsáveis por cada disciplina, para ocupar uma aula e aplicar os questionários. Uma vez com tal autorização foi exposto sumariamente o objetivo da pesquisa, solicitando sua participação voluntária. Um único aplicador, previamente treinado, esteve presente em sala de aula. Sua tarefa consistiu em apresentar os instrumentos, solucionar as eventuais dúvidas e conferir a qualidade geral das respostas emitidas pelos respondentes. Assegurou-se a todos o anonimato e a confidencialidade das suas respostas, indicando que estas seriam tratadas estatisticamente. Um tempo médio de 30 minutos foi suficiente para concluir essa atividade.

## Tabulação e Análise de Dados

Utilizou-se a versão 11.0 do pacote estatístico *SPSSWIN* para tabulação e análise dos dados. Realizaram-se estatísticas descritivas (tendência central e dispersão) com a finalidade de caracterizar a amostra, bem como, o *Teste t de Student* a fim de verificar a diferença da pontuação média entre homens e mulheres quanto os antecedentes das emoções e correlações de Pearson ( $r$ ).

### **3. RESULTADOS E DISCUSSAO**

Tendo em vista os objetivos do presente estudo efetuou-se, inicialmente, uma correlação de Pearson a fim de avaliar a relação entre os antecedentes emocionais de alegria, tristeza e raiva e o gênero. Desta forma, a partir desses resultados observou-se a existência de correlações positivas e significativas entre essas variáveis. Por exemplo, no que diz respeito ao gênero e os antecedentes da cólera ou raiva, os resultados foram os seguintes: estar predisposto a sentir raiva devido ao stress, fadiga etc. ( $r = 0,15$ ); perda repentina de poder, status, respeito, etc. ( $r = 0,23$ ); quando as coisas não acontecem como se planejou ( $r = 0,22$ ); na interrupção de uma atividade quando está para se realizar ( $r = 0,20$ ); dor física ou psíquica, real ou ameaçadora ( $r = 0,20$ ), e finalmente, quando se julga que a situação é errada, injusta ou contrária ao que deveria ser ( $r = 0,17$ ).

Em relação aos antecedentes da alegria e o gênero foram encontrado os seguintes resultados significativos: Tarefa de êxito, sucesso (prêmio a um esforço) ( $r = 0,15$ ); Conseqüências desejáveis, obter o que se deseja ( $r = 0,23$ ); Receber estima, respeito, elogios ( $r = 0,22$ ); Obter o que ficou de conseguir ( $r = 0,20$ ); Receber uma maravilhosa surpresa (Implica um certo grau de incerteza); Experimentar sensações muito agradáveis (bem-estar, satisfação física) ( $r = 0,17$ ); Ser aceito ou correspondido ( $r = 0,20$ ), e por fim, Receber amor, afeto ( $r = 0,18$ ).

Considerando o mesmo cálculo, tratou-se de avaliar as correlações entre os antecedentes da tristeza e o gênero, tendo os seguintes resultados, também significativos: Resultado indesejável, negativo ( $r = 0,17$ ); Morte de alguém querido ( $r$

= 0,26); Perda de uma relação ou separação (r = 0,30); Recusa, desaprovação (r = 0,21); Descobrir que somos impotentes, incapazes (r = 0,19); Não conseguir o que se queria, o que se esperava (r = 0,13); Sentir que as coisas vão pior do que se esperava (r = 0,21); Mortes por negligências (por tragédias) (r = 0,24); Inteirar-se de que alguém muito significativo para o sujeito está gravemente doente (r = 0,22); Momentos de solidão, estar só (r = 0,24), e por fim, Injustiça como causa ou antecedente (r = 0,16) desta emoção; todas se relacionaram diretamente com o gênero.

Encontrado as relações entre as variáveis em questão, procurou-se avaliar as diferenças entre o gênero (homens e mulheres) e os antecedentes das emoções de alegria, tristeza e raiva; assim, tomou-se como variável independente o gênero e a dependente os antecedentes das emoções e a partir de um teste convencional de comparação entre médias (Teste t de Student) pretendeu-se avaliar as diferenças significativas entre homens e mulheres em relação a estes antecedentes, obtidendo os seguintes resultados (ver tabela 1).

**Tabela:** Médias da diferença entre homens e mulheres nos antecedentes das emoções básicas.

Antecedentes da Emoção	Gênero				Estatística		
	Homens		Mulheres		t	gl	p
Cólera	M	DP	M	DP			
- Estar predisposto a sentir raiva devido ao stress, fadiga etc.	2,55	0,96	<b>2,86</b>	0,96	- 3,71	421	0,001
- Perda repentina de poder, status, respeito etc.	2,28	0,99	<b>2,51</b>	1,05	- 2,39	421	0,05
- Quando as coisas não acontecem como se planejou	2,78	0,91	<b>3,02</b>	0,85	- 2,84	407,50	0,01
- Na interrupção de uma atividade quando está para se realizar.	2,66	0,97	<b>2,84</b>	0,85	- 1,97	397	0,05
<hr/>							
Antecedentes da Emoção Alegria							
- Tarefa de êxito, sucesso (prêmio a um esforço).	3,31	0,84	<b>3,54</b>	0,68	- 3,12	382,20	0,001
- Obter o que se deseja.	3,29	0,82	<b>3,62</b>	0,62	- 4,70	365,42	0,001
- Receber estima, respeito, elogios.	3,24	0,81	<b>3,57</b>	0,64	- 4,63	376,54	0,001
- Obter algo que ficou de conseguir.	3,22	0,88	<b>3,54</b>	0,69	- 4,17	376,16	0,001
- Receber uma maravilhosa surpresa (implica um certo grau de incerteza).	2,95	0,94	<b>3,32</b>	0,90	- 4,10	421	0,001
- Experimentar sensações muito agradáveis (bem-estar, satisfação física).	3,45	0,81	<b>3,58</b>	0,57	- 3,45	349,24	0,001
- Ser aceito, correspondido.	3,34	0,81	<b>3,62</b>	0,58	- 4,02	353,07	0,001
- Receber amor, afeto.	3,49	0,82	<b>3,77</b>	0,66	- 3,76	380,17	0,001
- Alegregar-se pelo êxito dos outros.	3,14	0,85	<b>3,28</b>	0,71	- 1,92	421	0,05
<hr/>							
Antecedentes da Emoção Tristeza							
- Resultado indesejável, negativo.	2,79	1,08	<b>3,15</b>	0,91	- 3,59	388,36	0,001
- Morte de alguém querido.	3,08	1,20	<b>3,63</b>	0,83	- 5,44	346,14	0,001
- Perda de uma relação ou separação.	2,93	1,06	<b>3,53</b>	0,81	- 6,45	368,01	0,001
- Recusa, desaprovação.	2,65	,99	<b>3,06</b>	0,89	- 4,45	400,14	0,001
- Descobrir que somos impotentes, incapazes.	2,75	1,05	<b>3,14</b>	0,94	- ,94	400,06	0,001
- Não conseguir o que se queria, o que se esperava.	2,72	0,91	<b>2,96</b>	0,89	- 2,70	421	0,01
- Sentir que as coisas vão pior do que se esperava.	2,73	1,00	<b>3,12</b>	0,85	- 4,27	391,03	0,001
- Mortes por negligências. (por tragédias)	2,84	1,20	<b>3,38</b>	1,04	- 4,97	393,69	0,001
- Inteirar-se de que alguém muito significativo para o sujeito está gravemente doente.	2,82	0,98	<b>3,25</b>	0,91	- 4,60	421	0,001
- Momentos de solidão, estar só	2,67	1,01	<b>3,14</b>	0,91	- 4,98	400,88	0,001
- Injustiça como causa ou antecedente	2,74	1,02	<b>3,06</b>	0,96	- 3,25	421	0,001

Na tabela 1, em destaque, podem ser encontradas as médias entre homens e mulheres em relação aos antecedentes de cada emoção. Assim, pode ser visto uma unanimidade nas representações das emoções para as mulheres ao destacarem

que esse construto enfatiza, quanto a seus ativadores emocionais, uma instrumentalidade reativa ou quando se quer demonstrar uma exigência quanto ao respeito, revelando na maioria dos resultados, causa de sintomas de stress; no caso da raiva, elas dizem que o antecede desse tipo de emoção se deve a partir dos critérios destacados nas médias em negrito na tabela 1. Já no caso das outras emoções, alegria e tristeza, foi possível observar uma alta adesão a essas emoções por partes das mulheres quando acontece algo agradável, ligado as situações afetivas ou de situações que possam superestima-las, e mais, devido a cooperação e ajuda mutua, seja em relação à saúde seja ao luto; por exemplo, no caso da alegria, elas consideram ser motivo desta emoção: quando conseguem o que se espera, um prêmio ou elogios etc; no caso da tristeza seus motivos se devem: morte de alguém querido; descobrir que (somos impotentes, incapazes; momentos de solidão, injustiça, etc.).

Desta maneira, as mulheres demonstram que as suas diferenças em relação aos homens, se deve por elas apresentarem maior probabilidade a cada emoção, a partir de situações com ênfase aos scripts emotivos e expressivos. Esses resultados passam a corroborar os encontrados por Fernández e Vergara (1998), e Formiga e Camino (1999), quanto às culturas femininas e sua expressão da experiência emocional tendo sua característica em seus comportamentos interpessoais, e muito mais, podendo pensar que quando se fala de emoção em nossa sociedade, se expressa emoções femininas, o que reforça as ideologias e justificativas dos diferentes comportamentos manifestados para homens e mulheres, principalmente, quanto à crença do senso comum do ideal e real dessas emoções para cada um do gênero, por exemplo, a de que homem não chora, tem que ser forte e viril, e as mulheres, são mais sensíveis, sorridentes, tem facilidade a compreensão, etc.

O fato aqui não se trata de substituir o agente feminino pelo masculino e vice-versa, mas, de apresentar as variações em relação às emoções básicas e a sua percepção em relação ao gênero, bem como, sua alteração e permanência em relação a ordem psicossocial vigente de acordo com cada gênero. Com isso, é possível perceber que essa relação é muito simples, afinal todo mundo sente, e obviamente, tem cada uma das emoções, porém, o principal ponto está em como

homem e mulher percebem esta diferença, bem como, facilitar a compreensão do estado emocional no ser humano e seu desenvolvimento psicossocial.

A partir desses resultados constatou-se que a diferença da emoção de acordo com o gênero, permite refletir a respeito de concepções estereotipadas a respeito de como e porque cada um sente a raiva, tristeza e alegria. O importante disto é que podemos compreender que este fenômeno implica uma construção de realidades existentes em nossa própria cultura, daí não se encontrar intensamente explícita as expressões masculinas da tristeza, e algumas vezes, de alegria, pois em nossa sociedade essa expressão é caracteristicamente feminina. Isto pode, então, refletir a questão profissional destinada às mulheres: a elas há sempre abertura para empregos que tenham o contato com o público e enfatize uma maior relação interpessoal (por exemplo, secretária, professora, etc.) daí a importância de estarem alegres, com bom humor e dispostas a resolverem problemas de relação interpessoal, caso não aconteça, forma-se uma atmosfera de estranheza em relação a ela.

A tristeza, parece ser, também, um script feminino comum, pois é bem fácil escutar no cotidiano social, que a mulher sempre que sofre pressão, seja no trabalho ou na família, 'coloca-se logo a chorar' ou estereotipam mecanismos internos da histeria e desestrutura psíquica; tal fato, também, é apontada em relação a perda de um ente querido, etc. A partir destas características atribuídas a construção do gênero, na maioria das vezes consideradas naturais, é possível que a assimilação desses antecedentes emocionais, capazes de formarem protótipos para cada emoção, se dá através da socialização, reforçando algo que está para além de uma aprendizagem social, a dinâmica desse fenômeno é bem mais complexa.

O sujeito, ao perceber elementos que o excitam a determinada emoção, expressa, mas do que aprendeu na sua relação social, pois promove esquemas mentais que ajudam na sua interpretação e ampliação do seu mundo psicossocial. Assim, quando uma emoção é apresentada buscam-se os roteiros, cognitivamente, corroborando o que se pensou a respeito e estar experimentando no momento de sua interação como o sujeito e a ação; isto independe do quadro da representação,

seja quando assiste a um filme ou na ocorrência desses tipos de emoções com as pessoas.

Os estudos sobre as emoções permitem compreender que existe de fato uma diferença em relação a como mulher e homem venham a sentir, mas, esta será compreendida a partir da concepção de esquema mental, destacado no parágrafo anterior. Ambos os sexos passam a ver as emoções correspondentes à determinação sócio-cultural. Essas reflexões confirmam o estudo de Techio (1999) sobre o conhecimento social das emoções, bem como, as concepções de que se tem sobre as expressões deste construto, as quais são, exclusivamente, conseqüências da estereotipia sustentadas em cada sociedade. Em nosso contexto enfatiza-se que as mulheres sejam mais relacionáveis socialmente e externalizem suas emoções positivas e expressem mais facilmente no caso a alegria e a tristeza, já aos homens devem internalizar ou reprimir estas emoções, caracterizadas como “coisas de mulher”. Porém, ao externar as emoções assertivas, como a raiva, apesar de não encontrar resultado referido aos homens, esquematicamente, supõem ser mais fácil ou permissível que este possa expressar tais experiências, principalmente, devido a permissão psicossocial que é dada a ele, isto é, ao homem é permitido a instrumentalidade dessa emoção sem nenhum constrangimento da intensidade e quantidade. Assim, espera-se que tal trabalho traga uma compreensão quanto aos processos considerados subjetivos, que são nada mais nada menos que, fundadas em estereótipos e papéis de gênero tradicionais, capazes de direcionar cada indivíduo e seus comportamentos na aproximação de uma conduta e concepção sobre o real e ideal papel de gênero, principalmente, em relação a construção social emoção.

#### **4. REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA.**

ATKINSON, R. L. e cols. Introdução à psicologia de Hilgard. Artmed: Porto Alegre. 2002.

BARON, R. Psicología. México. Prentice-Hall HispanoAmericana. 3ª Edição. 1996.

BEM, S. L. Gender schema theory: A cognitive account of sex typing. *Psychological Review*, n. 88, pp. 354-364. 1981.

BORELLI, A. Gênero: desafios e perspectiva. *Revista Unicsul*, n. 3, v. 4, pp. 79-84. 1998.

DAMÁSIO, A. R. *O Erro de Descartes: Emoção, Razão e o Cérebro Humano*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras. 1996.

DARWIN, C. *The Expression of emotion in Man and Animals*. Chicago: The University of Chicago Press (publicado originalmente em 1872). 1965.

EXPÓSITO, F.; MOYA, M. C.; GLICK, P. Sexismo ambivalente: Medición y correlatos. *Revista de Psicología Social*, n. 13, pp. 159-169. 1998.

FERNÁNDEZ, I.; VERGARA, A. I. La dimensión de masculinidad-feminidad y los antecedentes, las reacciones mentales y los mecanismos de autocontrol emocional. *Revista de Psicología Social*. n. 13, v. 2, pp. 171-179. 1998.

FERREIRA, M. C. Masculinidade, Feminilidade e Ajustamento. *Porto Alegre. Revista de Psicologia: Reflexão e Crítica*, n. 8, v. 2, pp. 205-224. 1995.

FISKE, T.S.; TAYLOR, E.S. *Social Cognition*. Second Edition. New York: Mcgraw-Hill. 1991.

FORMIGA, N. S. As bases normativas do sexismo ambivalente: A sutileza do preconceito frente as mulheres à luz dos valores humanos básicos. In: Marcus E. O. Lima e Marcos E. Perreira (Orgs.). *Estereótipos, preconceitos e discriminação: Perspectivas teóricas e metodológicas*. Salvador: Editora UFBA. 2004. p. 259-276.

FORMIGA, N. S.; CAMINO, L. A diferença entre homens e mulheres e sua relação com os ativadores das emoções de cólera, alegria e tristeza. Em: VII encontro de iniciação científica da UFPB. João Pessoa. 1999. [Resumos eletrônicos].

FORMIGA, N. S.; GOUVEIA, V. V.; SANTOS, M. N. Inventário de sexismo ambivalente: sua adaptação e relação com o gênero. *Psicologia em estudo*, n. 7, v. 1, pp. 105-111. 2002.

FORMIGA, N. S.; ISMAEL, E.; CAMINO, L. Disposições ao Individualismo e Masculinidade no Reconhecimento das Emoções. 1º Simpósio de Psicologia Social do Unipê, João Pessoa - PB. 1998.

FRAISSE, G. Da destinação ao destino. História filosófica da diferença entre os sexos. Em: G. Duby & M. Perrot (Org.). História das mulheres no Ocidente. Século XIX. Edições Afrontamento. Porto. 1991.

HOFSTEDE G. Culture's Consequences. Beverly Hills: Sage. 1980.

ISMAEL, E.; MACIEL, C.; CAMINO, L. O Conhecimento do Outro: Explicações em termos de Cognição Social. In L. Camino (Org.) O Conhecimento do Outro e A Construção da Realidade Social: Uma Análise da Percepção e da Cognição Social. (pp.59-118) João Pessoa: Editora Universitária da UFPb. 1996.

MESQUITA, B.; FRIJDA. N. H. (1992). Cultural Variations in Emotions: a Review. Psychological Bulletin, n. 11, v. 2, pp. 179-204. 1992.

PAÉZ, D.; TORRES, B.; ECHEBARRÍA, A. Esquema de sí, Representação social y Estereotipo sexual. En: G. Musitu (Comp.). Procesos Psicossociales Básicos. (pp. 229-234). Barcelona: PPU. 1990.

PÁEZ, D.; VERGARA A. I. (1992). Conocimiento social de las emociones: evaluación de la relevancia teórica y empírica de los conceptos prototípicos de cólera, alegría, miedo y tristeza. Aprendizaje, Cognitiva, n. 4, v. 1, pp. 29-48. 1992.

PÁEZ, D.; VERGARA A. I. Culture Differences in Emotional Knowledge: A Study in Mexico, Chile, Belgium and the Basque Country (Spain). In J.A. Russell, J.-M. Fernandez-Dos, A.S. Manstead & J.C. Wellenkamp (Eds.) Everyday Conceptions of Emotion: An Introduction to the Psychology, Anthropology and Linguistics of Emotion. (pp. 415 – 434). Dordrecht (The Netherlands): Kluwer Academic Publishers. 1995.

PHILIPPOT, P. Peripheral Differentiation of Emotion in Bodily Sensations, Physiological Change, and Social Schemata. Tese de Doutorado, Universidade Louvain, França. 1992.

RADICE, J. Papéis sexuais no Nordeste do Brasil: Sua desejabilidade e possíveis conseqüências para a auto-realização da mulher. Revista de Psicologia, n. 5, pp. 93-103. 1987.

SCHERER, K. R. Emotion, Communication and Relationships. Em: W. S. Hewstone & G. M. Stephenson (Org.). Introduction to Social Psychology: A European Perspective. (pp, 279-312). Oxford: Blackwell Publishers. 1997.

SMITH, P.B.; BOND M. H. Social psychology across cultures. New York: Harvester. 1993.

SOUZA, M. A.; FERREIRA, M. A. C. Identidade de gênero masculina em civis e militares. Psicologia: Reflexão e Crítica, n. 10, pp. 301-314. 1997.

TECHIO, M. E. Conhecimento Social das Emoções: Um estudo em termos de fatores cognitivos e culturais. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba, Brasil. 1999.

TORRES, A. R.; GOMES, G. O.; TECHIO, E. M.; CAMINO, L. Diferenças entre sociedades individualistas e coletivistas relacionadas com o fenômeno da diferenciação inter-grupal. Em: L. Lhullier, L. Camino, & S. Salvador, (Orgs.). Estudos Sobre Comportamento Político: Teoria e Pesquisa. (pp. 175-199). Florianópolis: Letras Contemporâneas. 1996.

TRIANDIS, H. C. Individualism and Collectivism. Boulder: Westview press. 1996.